

Eneagrama

1. Introdução

Cada tradição desenvolveu uma visão específica dos processos de desenvolvimento do ser humano e de sua relação com o Universo, bem como sobre o próprio Universo, suas leis e todos os elementos envolvidos neste imenso mistério. Todas as perspectivas que as diversas tradições oferecem são uma tentativa de aproximar-se deste mistério e proporcionar meios de compreender, interagir e situar-se neste processo, e assim criar um caminho de desenvolvimento e aquisição de conhecimento. De acordo com a visão de cada uma das tradições, diversas perspectivas foram oferecidas, cada uma revelando aspectos diferentes, complementares e não contraditórios de um mesmo mistério.

Da perspectiva de cada uma surgiu uma compreensão do Universo, uma cosmologia e um símbolo para expressar este conhecimento. O símbolo condensa este conhecimento, revela e ao mesmo tempo oculta os significados mais profundos, mas sempre expressa esta compreensão. Através deles o homem expressou seus conhecimentos e sua cultura durante a história, tornando possível a transmissão destes elementos e significados de um modo não verbal, mas extremamente poderoso, carregando muitas vezes, mais conteúdos do que livros inteiros são capazes de transmitir.

Existem símbolos pictóricos, com imagens de animais, árvores, montanhas, entre outros que, carregam um poder e uma presença mais arquetípica, mas ainda assim contendo e expressando os significados e valores de uma tradição. Aqueles que iremos citar aqui estão ligados ao conhecimento dos números e da geometria sagrada, pois nos fornecem, geralmente, uma visão mais precisa, complexa e profunda sobre a maneira com que cada Tradição se aproxima do mistério da Criação, compreendendo o papel do Ser Humano neste processo.

Na tradição ocultista ocidental a perspectiva preponderante é aquela dos quatro elementos, terra, água, ar e fogo. Todas as análises dos fenômenos tentam reverter, ou compreender os processos nesta perspectiva quaternária, ligados aos elementos primordiais, desenvolvendo uma análise mais racional, e com isso uma tendência mais ligada à dimensão física e material. Esta perspectiva aparece com grande força na tradição Grega que é a base para a tradição ocidental. A influência da filosofia grega pode ser percebida na maioria das tradições posteriores, pois estes elementos estão presentes na maioria delas. Foi também na Grécia que o poder dos números e dos símbolos geométricos foi desenvolvido com maior complexidade, tendo permeado toda a história da humanidade.

Nas tradições Orientais, nós encontramos não mais quatro, mas sim cinco elementos, a água, o fogo, a madeira, o metal e a terra. Esta divisão, entremeada com o símbolo do Yin-Yang, é a base da compreensão do Universo e seus processos. Seus significados são mais abstratos, mais intuitivos, revelando uma busca maior por harmonização, menos racionalizada. Os cinco elementos carregam um valor mais arquetípico, revelando uma perspectiva e uma visão com uma ênfase psicológica.

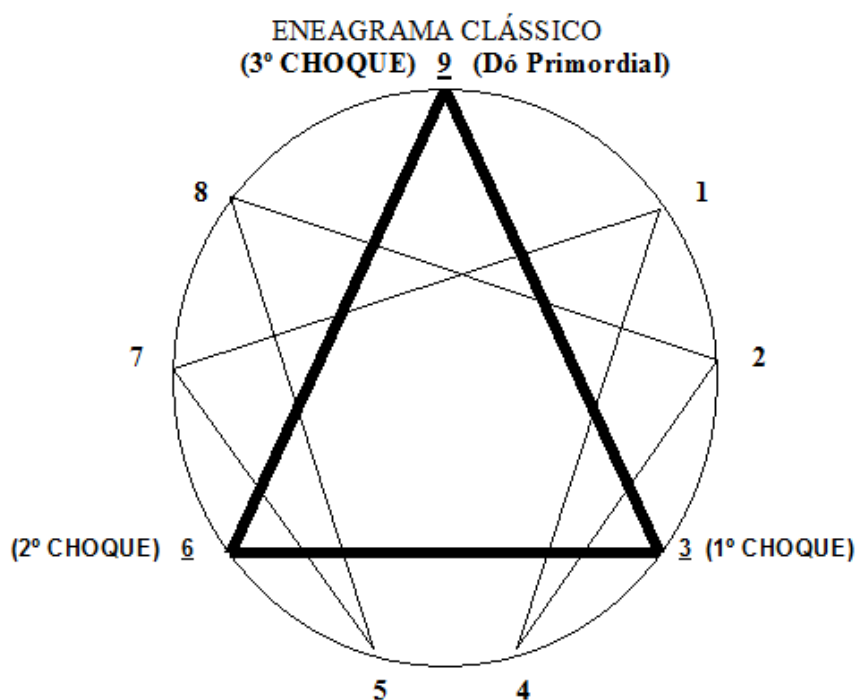
Na tradição Judaica encontramos como maior símbolo o Selo de Salomão, ou a estrela de Davi, dois triângulos invertidos sobrepostos, ou seja, uma divisão em seis. Dentre os infinitos significados salientaremos aquele mais universal e primordial que nos fala de duas dimensões que interagem, a divina e a humana, a espiritual e a material. Duas tríades sobrepostas, que revela-nos uma visão dual de conflitos, mas que define a

posição do homem e do Universo dentro da perspectiva divina e religiosa, portanto revelando a potencialidade de transcendência.

A tradição Mágica, por sua vez, apóia-se na visão astrológica, do poder de influência dos planetas e dos arquétipos, para isto utiliza o número sete. Sua perspectiva é a de manipulação das forças, visando aquisição de poder. O poder dos números e das formas geométricas é usado nesta perspectiva.

O número oito aparece na tradição Islâmica na forma do octógono. Muitas vezes é descrito como a Respiração do Misericordioso, revelando seu aspecto mais transcendente, onde a Criação é vista num ciclo de expansão e contração, imanência e manifestação, sempre tendo como único foco a Presença Divina, a Unidade Divina manifestando-se na multiplicidade. Assim como a visão quaternária ocidental, o oito, aqui na forma de octógono, sendo dois quadrados sobrepostos e rotacionados, expressa também o caminho do retorno, mas representa uma tendência intelectual e, portanto, pouco prática. É uma visão já bastante complexa, mas pouco desenvolvida. A tradição Hindu também usa muito destes elementos.

2. O Eneagrama



Agora chegamos ao real objetivo de nosso estudo: o Eneagrama. Este símbolo apareceu em sua forma original apresentado por Gurdjieff, que em meados do séc. XX surgiu com uma série de conhecimentos oriundos de uma Tradição que até então permanecia oculta, mas cujos conteúdos foram expressos através de outras Escolas no decorrer da História. Esta foi apresentada por Gurdjieff como a Escola de Sabedoria, o Trabalho ou simplesmente como Quarto Caminho. Esta tradição tem como função preservar, desenvolver e fornecer os conhecimentos e práticas para o desenvolvimento do Ser Humano dentro da perspectiva daquilo que é chamado de Filosofia Perene. Uma Tradição que deve proporcionar uma visão mais abrangente, universal, mais complexa,

viva, e não cristalizada e/ou segmentada. Não iremos nos alongar aqui, visto que já existe um vasto material referente a estes conceitos.

Em todas as tradições sempre iremos encontrar vestígios de duas leis fundamentais, a Lei de Três ou Tríades, e a Lei de Sete ou das Oitavas. A Lei de três é a lei fundamental que cria todos os fenômenos e, segundo ela, todo o fenômeno surge e ocorre do encontro e da combinação de três forças, duas delas estando em oposição como força ativa e passiva, ou positiva e negativa. Mas todo fenômeno só surge da interação destas forças com uma terceira neutralizante, que permite que a oposição ou conflito seja superado ou harmonizado para desencadear, ou gerar o fenômeno. São vastos os exemplos da presença desta lei em quase todas as tradições, como na trindade cristã ou hindu, como também nos próprios processos de nossas vidas.

A Lei de Sete ou das Oitavas, é a lei fundamental que descreve a forma pela qual os eventos transcorrem, e as relações entre os elementos, forças ou, como Gurdjieff coloca “as vibrações”, durante o desenvolvimento dos processos. Esta Lei é muitas vezes chamada de Lei do Acidente, pois se apóia no princípio da descontinuidade das vibrações, que no seu desenvolvimento não seguem uma direção uniforme, pelo contrário, interagem entre si seguindo rumos que, numa visão superficial, parecem desordenados e estabelecendo conexões com pontos aleatórios do processo. Mas ao estudarmos esta lei, compreendemos que é exatamente esta descontinuidade que nos permite interferir no desenvolvimento destes processos, ou oitavas, no sentido de obtermos resultados específicos e nos libertarmos da Lei do Acidente, que nos condiciona ao status de escravos de um processo que, sem interferência consciente, segue sempre a direção da entropia, tornando extremamente difícil o desenvolvimento das oitavas numa escala evolutiva. O que geralmente termina por acontecer, é a perda de energia no decorrer do processo. Um dos exemplos marcantes da introdução deste conhecimento pelas Escolas relaciona-se com a escala musical, que descreve o desenvolvimento das vibrações numa escala ascendente das vibrações ou notas musicais, com seus semitons e intervalos nos exatos pontos de maior perda de energia, entre *MI* e o *FÁ*, e entre o *SÍ* e o *DÓ*.

O poder maior do Eneagrama reside no fato dele ser um símbolo que expressa a interação destas duas leis fundamentais, tornando possível através dele, a interpretação, a apreensão e o estudo de qualquer fenômeno, de qualquer ação e de qualquer processo. Assim o Eneagrama é um símbolo vivo, que permite a aquisição de conhecimentos e práticas para o desenvolvimento de qualquer um destes elementos.

Na leitura clássica do Eneagrama temos então dois símbolos contidos dentro de um terceiro, que é o círculo. O primeiro é o triângulo que se refere à lei de três e divide o círculo em três partes iguais, o segundo é formado pela relação dos pontos da lei das oitavas, que aqui aparecem num ciclo fechado sem conter a nota inicial nem a final, encerrando assim um ciclo em si mesmo. Se adotarmos a leitura do caminho interno do eneagrama, que não leva em consideração os pontos da tríade, esta última figura revela as relações e interações entre os pontos, ou elementos da oitava analisada, permitindo uma compreensão das forças que agem em cada etapa. Os pontos da tríade por sua vez, entram como choques, força neutralizante, entre as duas forças, ativa e passiva, da oitava e em cada um dos três segmentos formados. Nesta leitura que percorre o caminho externo do Eneagrama, temos a descrição do processo de desenvolvimento da oitava com a colocação dos choques para formar uma escala evolutiva. Assim teremos três tríades, cada uma tendo dois pontos pertencentes aos processos da lei de sete junto com o choque da lei de três, partindo do ponto 1 até o ponto 9.

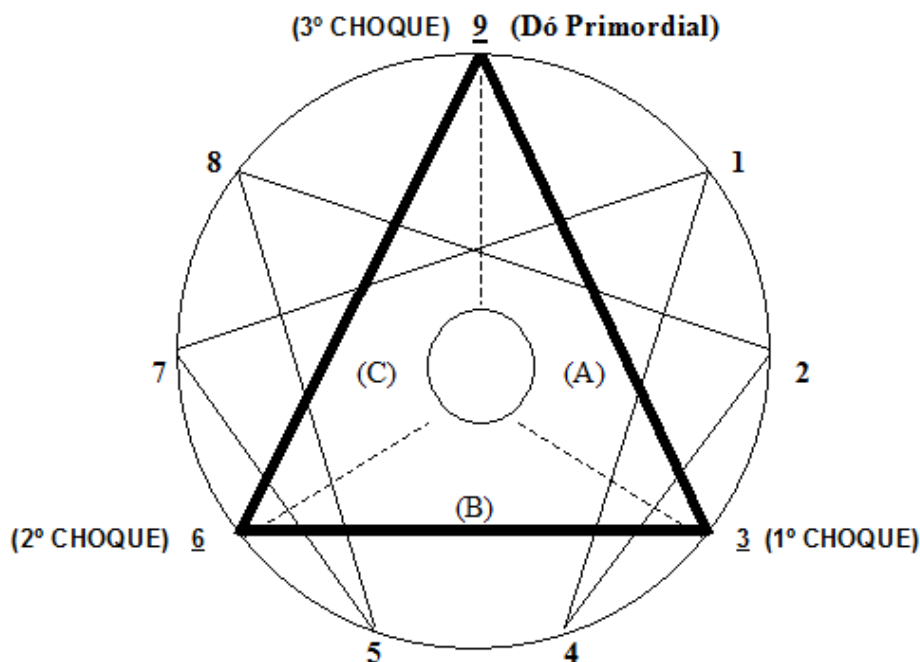
Analisando o eneagrama sob a Luz das oitavas da escala musical, teremos o ponto 9 representando o *DÓ* ou nota primordial, objetivo e horizonte do processo. Sendo este *DÓ* o objetivo da oitava analisada, ele é também a energia necessária para o surgimento desta oitava, em sua existência como potencialidade, está oculto todo o processo. Este ponto é muitas vezes relacionado com a Vontade do Absoluto, um choque pré-existente, que torna possível a existência do processo da oitava, do próprio caminho e que só irá ser revelado no final da trajetória se for evolutiva.

Mas o ponto 1 do eneagrama é a nota *RE*, onde começa nossa trajetória e representa o primeiro elemento do processo e o mais evidente. Portanto, é a partir da nota *RE* que tem início o nosso estudo, e nosso caminho.

Podemos analisar o caminho interno, buscando compreender as interações, influências, fluxos e relações dos outros pontos e energias da oitava. Este é um conhecimento necessário para podermos trilhar o caminho externo, pois os choques são energias e processos conscientes que devem ser descobertos, trabalhados, invocados ativamente para podermos introduzi-los no desenvolvimento da oitava para que esta siga uma escala evolutiva em direção ao *DÓ* primordial, a realização plena da oitava. Sem a introdução destes choques estagnaríamos, o processo perderia força e seguiríamos por uma escala involutiva e degradante. Muitos podem achar que o segundo choque do Eneagrama está num ponto equivocado ao analisarmos o caminho externo através das oitavas, e não como tríades. Mas este choque surge neste ponto, porque ele é a introdução de outro processo, portanto outra oitava cujo primeiro choque, aquele que demanda mais energia, está localizado exatamente ali, pois a energia necessária para o segundo choque, aquele entre *SI* e *DÓ*, é suprida pela própria energia proveniente deste *DÓ*.

Uma imagem poderosa da formação do símbolo do Eneagrama surge ao contemplarmos a lei das oitavas como a interação de energias ativas e passivas, como duas tríades em oposição que se perdem dentro da contrariedade de suas forças. A tríade contemplada como passiva, ou negativa, está relacionada às energias involutivas que tendem sempre a entropia. A tríade ativa, ou positiva, está relacionada às energias ou elementos que buscam uma evolução e um desenvolvimento, como processos ideais. Mas elas estão em oposição como dois triângulos fechados em si mesmos dentro do círculo, inserindo-nos na Lei do acidente. É somente com a Lei de três, a tríade que o Trabalho nos revela em essência, que o caminho e a trajetória de desenvolvimento e evolução surgem como potencialidade e opção de cada um. Este triângulo, que é o central do Eneagrama, surge (apesar de pré-existente) rompendo os outros dois triângulos das tríades passiva e ativa que, agora se unem numa figura única que representa a Lei das Oitavas no caminho interno. E no caminho externo teremos três tríades ou segmentos, que são formadas com um elemento de cada uma das três.

3. Uma nova abordagem



Sendo o Eneagrama um símbolo vivo e complexo, no nível em que podemos compreendê-lo e aprofundá-lo, seus significados são infinitos: só depende de nossos próprios conteúdos. Assim discutiremos uma nova abordagem à interpretação do símbolo, onde novos elementos surgem, revelando uma gama ainda maior de potencialidades.

Neste novo modo de apresentar o Eneagrama, além dos elementos constituídos pelos nove pontos com os dois caminhos, internos e externos, apresentados acima, ele é dividido em três segmentos. Cada segmento contém uma tríade, e a diagonal do triângulo interno que liga cada um dos choques, recebe também um significado. Este por sua vez torna-se a energia, ou qualidade, que permeia e dá o horizonte ao segmento de cada tríade. Ele pode ser analisado como o traço principal do segmento, a qualidade ou energia faltante, que deve ser adquirida ao trabalharmos cada uma das tríades. Pode ser sentido durante o processo como uma necessidade, que irá desencadear ou tornar possível a aplicação do choque, e se tornar também à qualidade adquirida, o estado incorporado, o estágio alcançado após a plena compreensão do trabalho consciente da tríade. Portanto, esta qualidade só irá ser revelada quando o estudo, a prática, e a superação deste segmento da oitava, for plenamente desenvolvido, vivenciado e, principalmente, incorporado através da ação do choque consciente. Somente desta maneira seguiremos ao próximo segmento com a energia desta qualidade e deste choque, o que tornará nosso caminho mais fácil, e abrirá ao final do processo um mistério ainda mais profundo.

Este mistério diz respeito ao núcleo do Eneagrama, oculto em seu centro. Como se, ao ligarmos os choques com as qualidades inseridas nas diagonais do triângulo, este se revelasse tri-dimensional, uma pirâmide cujo vértice superior une e justifica a todos. No círculo oculto do centro do triângulo interno, está um estado, uma dimensão que é o objetivo do próprio *DÓ* primordial. Este, por sua vez, só irá revelar e conduzir-nos ao núcleo se tivermos adquirido e incorporado às qualidades das diagonais, ao exercermos cada choque com o máximo de intensidade que nos é possível. Assim temos no

triângulo central o núcleo do eneagrama, e nos pontos da oitava, os elementos de nosso aprendizado.

Com esta nova abordagem temos perspectivas ainda mais profundas no estudo do Eneagrama. Este símbolo abre caminhos para aquisição de conhecimentos, elaboração de práticas, e uma compreensão cada vez mais abrangente e complexa de todo o processo que contemplamos à luz do Eneagrama. Poderíamos escrever livros inteiros sobre quaisquer processos e, ainda assim, a figura do eneagrama com os elementos deste processo, conteria um conhecimento infinitamente maior sem que escrevêssemos uma única palavra.

Autoria: www.imagomundi.com.br